

## OLHOS QUE FORAM

Ramiro\*

Toda a minha fé terrena esvaiu-se

Com a conformidade de um charuto  
Sento-me à janela, pensando perscruto

Da primeira fumaça emerge a realidade  
Os indesejáveis sociais - sem maldade  
Na clausura do manicômio da modernidade

Dignidade? Rasguei toda declaração sobre  
Porque não sou senão um nobre pobre  
Igualdade? Essa é resolvida no eletrochoque  
Não gosta? Há cem mil corpos no estoque

Tenho alguém no subconsciente que grita  
No caminho do meu Estado, é uma brita  
Entretanto e se, e se, e se eu deixasse o "e se"  
Erguendo essa voz e buscando justiça  
Mas com menos carícia à onça atíça a cobiça

Não tenho canudo, nem caneta, nem cobre  
Porém só quero Direito valendo não só ao nobre  
É esse meu direito mesmo fora do forte ocre  
Levanto-me, para lutar contra o Sistema sem limites  
Contudo, dois homens da patrulha vêm à blitz  
E só me ergui novamente para entrar no trem rumo a.... Barbacena

\* Acadêmico da primeira fase do curso de Direito da UFSC.

Justificativa: O poema tece uma crítica ao Direito/Normas enquanto algo comum a todos e da sua efetividade, além de trazer uma reflexão sobre o resultado de um levante contra a situação.